

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1974

## UM CÁLICE DA OFICINA DE RASINIUS (no Paço Ducal de Vila Viçosa)

Em 1862, Emil Hübner dava notícia detalhada <sup>(x)</sup> de um vaso de cerâmica vermelha encontrado em Alcácer do Sal que lhe fora dado apreciar na coleção arqueológica do Rei D. Fernando, guardada então no Palácio das Necessidades: «..... Vaso di terra cotta rossa, senza manichi, disgraziatamente frammentato, dimodochè mancha quasi della metà, ornata di bassi rilievi della stessa perfezione di stile che quelli di Tarragona menzionati nel Bullettino di 1860, p. 168, ma d'argomento piú raro. In mezzo vi si vede un'ara con sacrificio ardente; a s. di essa sta un sacerdote, ignudo di sopra; a d. una giovane vestita di chitone, piu a s. dietro del sacerdote la statua d'una dea, che non saprei definire. Seguono ai due lati varie altre persone, alcune danneggiate, di modo chè la loro significazione resta incerta. Spero dall'insigne liberalità dell'augusto possessore di poter dar piú tardi un disegno di quest interessante monumentino che fu scoperto a Alcácer do Sal, l'antica Salacia».

Talvez por não estar familiarizada com a cerâmica romana hoje internacionalmente designada por «terra sigillata», a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira viu nesta descrição um vaso de figuras vermelhas para o qual, naturalmente, não encontrou correspondência entre os vasos gregos que quase cem anos mais tarde lhe foi dado estudar no Palácio Ducal de Vila Viçosa <sup>(2)</sup>.

j<sup>1</sup>) «Bullettino delPIstituto di Corrispondenza Archeologica», Roma, 1862, p. 193 s.

<sup>(2)</sup> MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Noticia sobre vasos gregos existentes em Portugal*, «Conímbriga» 1, 1959 p. 97 s.

Embora reconhecendo que a existência deste vaso seria um tanto enigmática, porquanto «não consta que se tenham feito achados de cerâmica grega na antiga Salácia antes de 1874» aproximou-o, pela descrição, do *krater* de sino do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia e deu-o como desaparecido.

Em 1965, o Doutor Alberto Balil chamaria a atenção dos investigadores portugueses para o interesse desta peça (3). Estranhando a ausência da produção pereniana em Portugal e considerando a observação feita por Hübner de que o vaso descoberto em Alcácer do Sal se aproximava estilisticamente dos dois *modioli* perenianos, decorados com cenas báquicas, provenientes de Tarragona (4), admitiu o autor espanhol que este achado viria testemunhar a presença de Perenius no nosso território.

Devido a uma série de circunstâncias felizes, coube-me a oportunidade de dar a conhecer o «interessante monumentino» (6) cuja ilustração desfaz equívocos anteriores e ajuda a precisar a orientação do mercado lusitano face às importações de Arezzo.

Trata-se de um vaso fragmentado a que falta uma boa parte da parede e o pé (6). Os fragmentos que restam unem-se todos e permitem reconstituir um pequeno cálice (alt.: 140 mm aprox.; diâm. da boca: 180 mm) de tipo Drag. Ia com bordo finamente moldurado na face externa e na interna cavado por uma larga canelura seguida de um engrossamento (Fig. 1).

(8) ALBERTO BALIL, *Varia hellenistico-romana*, «Archivo Español de Arqueologia», 38, 1965, p. 109.

(4) AUGUST OXÉ, *Arretinische Reliefgefäße von Rhein*, Francfort, 1933, p. 73-75, Est. 23 e 24.

(6) Agradeço ao Senhor Doutor António Luiz Gomes a autorização que me concedeu para estudar e publicar esta peça; aos Senhores Gualdino Borrões e Francisco Grilo pela sua incansável ajuda na localização e ilustração do vaso.

(f1) A descrição feita por Hübner faz crer que alguns fragmentos se perderam depois de 1862. Com efeito, à direita do altar de sacrificio apenas se conservam vestígios de duas figuras, não sendo possível reconhecer a «giovane vestita di chitone» mencionada por aquele estudioso e que deveria ocupar o lugar onde hoje existe uma grande lacuna que atinge a linha de óvulos.

O fabrico corresponde à variante mais luminosa da produção itálica, com pasta beije, excelentemente depurada e dura e «Glanz-tonfim» castanho-alaranjado, espesso e homogéneo com lustro acetinado.

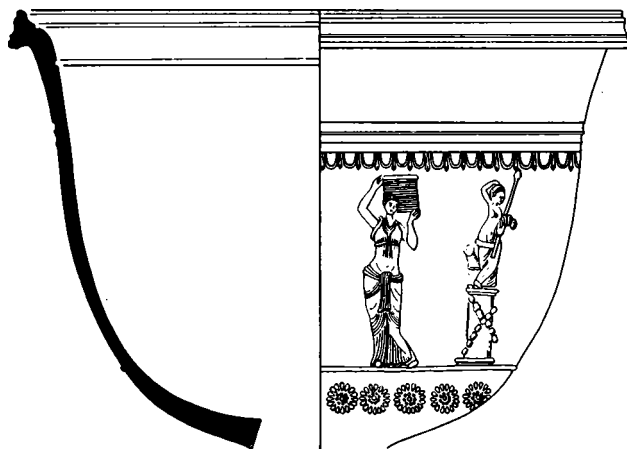


Fig. 1

A decoração ilustra uma cena de sacrificio dionisiaco (Est. I a) que nada tem a ver, quer pelo desenho das figuras quer pela ordenação, com as composições do mesmo tema desenvolvidas nos vasos de Tarragona. Além da perfeição técnica das figuras em geral, apenas um pormenor pode ter sugerido a aproximação feita por Hübner, ou seja, a base da ara de sacrificio ornamentada com três dançarinas esculpidas num relevo muito baixo e de excelente execução. Trata-se do motivo tão cuidadosamente descrito por Chase <sup>(7)</sup>, frequente em algumas das melhores obras da oficina de Perennius, na fase de Tigranus <sup>(8)</sup> e que foi também

<sup>(7)</sup> G. H. CHASE, *Museum of Fine Arts, Boston — Catalogue of Arretine Pottery*, Boston & Nova Iorque, 1916, p. 28, Est. 3, 1.

<sup>(8)</sup> A. OXÉ, *op. cit.*, p. 73-74, Est. 24, 113f e G. H. CHASE, *op. cit.*, p. 31-32, Est. 4.

utilizado nas oficinas de Rasinius <sup>(9)</sup>, de Ateius <sup>(10)</sup> e ainda mais tarde na de um desconhecido oleiro tardo-italico <sup>(u)</sup>.

A ara aqui representada (Est. II, e) é circular e assenta numa base aparentemente octogonal; sobre ela vêem-se achas em chamas para as quais só conheço paralelo numa peça incompleta de Arezzo assinada por Rasinius (Stenico, *op. cit.*, p. 25, Est. I) <sup>(12)</sup> e num fragmento de Tróia de Setúbal, assinado por Pharnaces <sup>(13)</sup>. É interessante notar que das peças saídas das oficinas de Perennius e de Ateius não há mais do que a representação de chamas vivas, de esguias e aprumadas.

À esquerda da ara e voltado para ela, está um sátiro jovem (Est. II, d) com o torso nú e as ancas cingidas por uma pele de animal; segura na mão esquerda um cutelo e na direita empunha um objecto alongado de difícil determinação que aponta para o altar (Stenico, *op. cit.*, p. 25, fig. 54, Est. I; o objecto alongado é aqui interpretado como uma bainha ou aguçadeira).

Atrás do sátiro ergue-se uma estatueta do jovem Diónisos (Est. II, c) segurando o tirso na mão esquerda enquanto a direita repousa sobre a cabeça. O deus tem à sua direita, à altura do quadril, uma figura cujo relevo é mau e difícil de interpretar, mas poderia querer representar uma pantera, simbolizando os actos heroicos de Diónisos. A estatueta ergue-se, de frente, sobre uma coluna adornada com grinaldas cruzadas (Stenico, *op. cit.* p. 25, fig. 106, Est. I).

À esquerda da figuração do deus detém-se uma jovem, (Est. II, b) muito esbelta, de frente, com a túnica, sem mangas, cingida sob o peito por um *cingulum* e nas ancas por um

<sup>(9)</sup> ARTUR STENICO, *La Cerámica Ar retina-Rasinius I*, Milão, 1960, p. 25, fig. 119.

<sup>(10)</sup> A. OXÉ, *op. cit.*, 59-60, 62.

<sup>(u)</sup> Fragmento de taça Drag. 29 diversas vezes referido (cf. ADÍLIA M. ALARCÃO, «R. C. R. F., Acta» VIII, 1966, p. 45 e J. J. RIGAUD DE SOUSA, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», vol. II, Coimbra, 1971, p. 451) ainda que nunca ilustrado.

<sup>(12)</sup> O motivo de Arezzo está muito incompleto. Stenico identifica as achas, mas, naturalmente, não as associa à ara a que dizem respeito.

<sup>(13)</sup> Vide o artigo que se segue neste volume, assinado por Maria Adelaide Garcia Pereira a quem agradeço a colaboração prestada.

*ventrale* atado sobre o ventre e caindo em duas pontas largas, pregueadas; os braços soerguidos sustentam um cabaz sobre o ombro esquerdo.

Não menos bela, é a representação da jovem que à sua frente segue para a esquerda (Est. II, a), revestida de graciosa solenidade. Vêmo-la de perfil, vestida com túnica solta, caindo ao longo do corpo em finas pregas verticais; leva na mão direita um prato largo e fundo com duas pinhas. O rosto é delicadamente modelado e os cabelos estão bem presos num puxo rematado por uma trança (Cf. F. Porten Palange, *La cerámica arretina a relieve, nelVAntiquarium del Museo Nazionale in Roma*, Firenze, 1966, p. 48-49, Est. 11, 62 e 63).

Estas duas figuras femininas repetiam-se no cortejo, pela mesma ordem e a igual distância uma da outra, ocupando o segundo e o terceiro lugares à direita do altar (Est. I, b).

Não conheço paralelos para estes dois punções. Creio no entanto poder admitir que os fragmentos observáveis em Stenico, *op. cit.* e M. A. Garcia Pereira, neste volume, Est. 1, c, correspondem à jovem portadora do cabaz.

A decoração é rematada inferiormente por uma fiada de rosetas com corola dupla (Stenico, *op. cit.*, fig. 188) e superiormente por uma linha de óvulos simples com lingueta lanceolada (Stenico, *op. cit.*, fig. 2) <sup>(14)</sup>.

Esta peça proveniente de Alcácer do Sal e os 3 fragmentos encontrados em Tróia de Setúbal acima referidos têm duplo interesse, pois não só ajudam a precisar e a ampliar o reportório rasiniano como contribuem valiosamente para o conhecimento da sua difusão.

Os estudos que tenho feito permitem-me concluir que o principal centro abastecedor da Lusitânia foi, como seria de esperar, Arezzo, logo seguido de Pozzuoli.

Arezzo forneceu o nosso território através das oficinas de Cn. Ateius, P. Cornelius, M. Perennius, Rasinius, L. Saufeius,

<sup>(14)</sup> Estes dois elementos, muito frequentes na obra de Rasinius, encontram-se reunidos num fragmento de Tübingen (Dragendorff-Watzinger, *Arretinische Reliefkeramic mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*, Reutlingen, 1948, p. 214, Est. 29, 405).

L. Titius, Umbricius, Sextus Annus Afer, M. P. Capito, C. Crispinus, L. Crispus, C. Memmius, Sex. Villius Natalis, L. Tettius Samia, C. Sentius, Strato & Stephanus e L. Tettius.

A evidência até agora conseguida confere o primeiro lugar a Ateius e o segundo a Cornelius; os restantes ficam a uma grande distancia destes, na proporção numérica, se atendermos ao total dos vasos decorados e lisos.

Os vasos com decoração obtida por meio de molde são bastante raros em Portugal. Conimbriga, que conta o maior número <sup>(15)</sup>, oferece provas da concorrência de M. Perennius (penúltima e ultima fase) e de P. Cornelius, ao lado do puteolano N. Naevius (Hilarus?). Desta última oficina saiu para as Represas (Beja) um cálice de tipo Drag. II assinado por Atticus <sup>(16)</sup>.

Em Alcácer do Sal encontrou-se uma cratera do tipo Drag. V marcada PRIMUS P. CORNEL <sup>(17)</sup> e o cálice agora apresentado, devido á oficina de Rasinius. O achado de duas outras peças semelhantes a esta, em Tróia de Setúbal, sugere que os fornecimentos feitos por este oleiro devem ter atingido uma importância considerável.

Ligado a esta oficina está ainda o cálice (tipo Drag. I) atribuível a C. Annus proveniente da Lousa <sup>(18)</sup>.

Estes dados são bastante importantes na medida em que sabemos que a oficina de Rasinius não foi das mais produtivas, sobretudo quando a comparamos com a de M. Perennius. Além disso, os vasos que fabricou revelam um gosto apuradíssimo e original e uma qualidade técnica excepcional que fazem justamente considerá-lo como «um fabricante que produzia peças de boa

<sup>(16)</sup> Este material será publicado brevemente no volume do Relatório das escavações luso-francesas de Conimbriga dedicado às «sigillatas».

<sup>(16)</sup> H. COMFORT, *Roman Ceramics in Spain: an exploratory visit*, «Archivo Español de Arqueologia», 34, 1961, p. 3 s. e ADÍLIA ALARCÃO, *A «Terra Sigillata» em Portugal*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», vol. II, Coimbra, 1971, pp. 421 s.

<sup>(17)</sup> M. L. COSTA ARTUR, *Uma taça de Terra-Sigillata do Museu de Alcácer-do-Sal (Portugal)*, «Crónica del III Congresso Arqueológico Nacional, Galicia, 1953», p. 552 s.

<sup>(18)</sup> ADÍLIA M. ALARCÃO, *Cálice de Terra Sigillata da Oficina de C. Annus*, «Conimbriga», 9, 1970, p. 1 s.

qualidade de preferência a uma massa numerosa de vasos obtida por processos mais económicos (19).

Poderá concluir-se daqui que os seus produtos atingiriam naturalmente preços mais elevados que os de outras oficinas contemporâneas e por isso mesmo se difundiram menos? Ou será que, ainda que vendidos pelos preços de concorrência, os seus vasos se venderam menos, exactamente porque se fabricavam a um ritmo menos industrializado?

Stenico pensa que Rasinius não conheceu uma grande fortuna sob o aspecto «industrial» e que a este facto mais do que a outro qualquer se pode atribuir a escassez da documentação obtida em Arezzo (20).

Interessante é, pois, constatar que produtos naturalmente apreciados pela camada mais exigente e sensível da clientela romana, relativamente pouco abundantes, tenham sido exportados no tempo de Augusto para a Lusitânia ocidental, em quantidade aparentemente não inferior aos de outras fábricas com maior rendimento de produção.

A escassez de escavações sistemáticas no nosso País não permite levar mais longe a especulação deste problema, pois serão necessários muitos achados antes que possamos estabelecer em base sólida a participação dos diversos centros ceramistas e das oficinas de cada centro no abastecimento do mercado lusitano.

ADÍLIA M. ALARCÃO

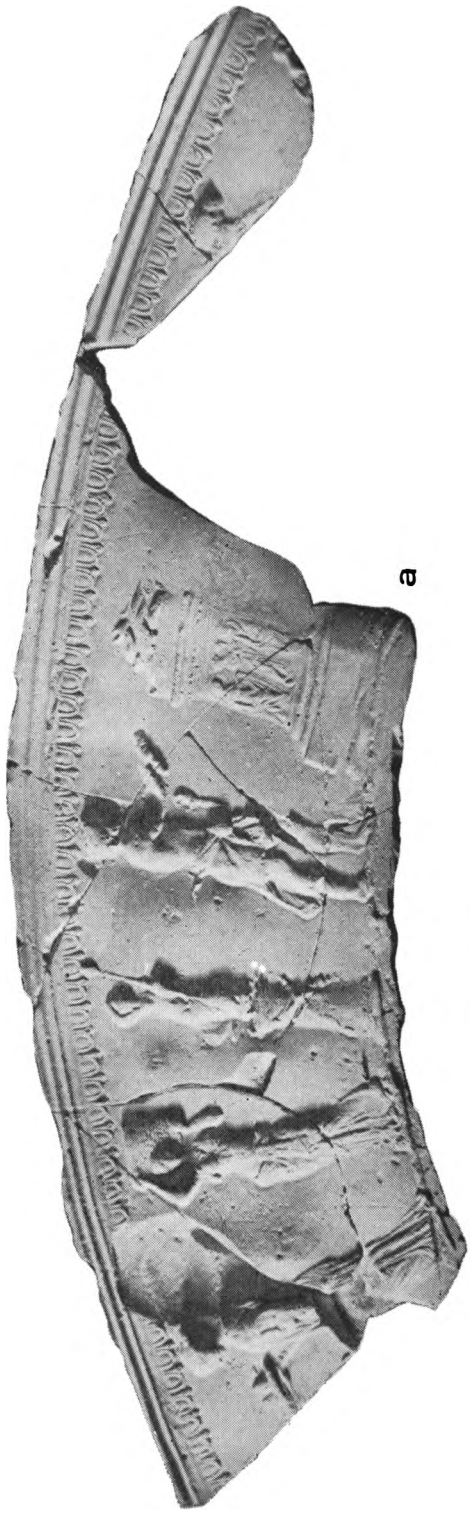
(19) A. STENICO, *La Cerámica Arretina, Rasinius I*, Milão, 1960, p. 18.

(20) A. STENICO, *op. cit.*, p. 18.



(Página deixada propositadamente em branco)

Est. I



a



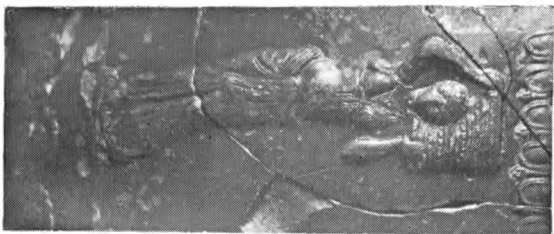
b

Est. II

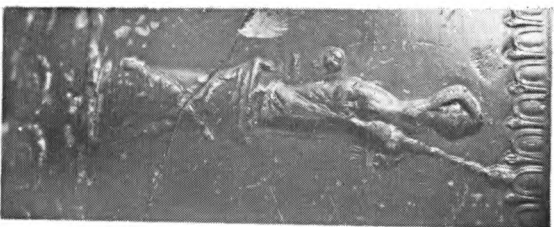
a



b



c



d



e

